



XXV Semana Paranaense de Turismo da UFPR

SEPATUR 2018 - Edição Comemorativa

Curitiba, 22 à 26 de Outubro



## **TRABALHO E TURISMO: OPORTUNIDADES E DESAFIOS DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA (TBC) PARA A EQUIDADE DE GÊNERO**

Cecília Ulisses Frade dos Reis (REIS, C. U. F. dos)<sup>1</sup>

**RESUMO** - O Turismo de Base Comunitária (TBC) apresenta-se como uma alternativa que poderia oferecer possibilidades de empoderamento feminino através do trabalho. Através de revisão bibliográfica, combinando pesquisas acadêmicas e relatórios de organizações públicas, este artigo apresenta reflexões nesse sentido e objetiva dar visibilidade a oportunidades e desafios advindos de diversas experiências de TBC para as mulheres.

Palavras-chave: Turismo de Base Comunitária; Gênero; Trabalho.

**ABSTRACT** - In this article, the Community Based Tourism is presented as an alternative that offers possibilities for female empowerment through work. By means of literature review, combining academic researches and public organizations reports, reflections on this matter are presented, addressing visibility to opportunities and challenges of a variety of experiences of community tourism for women.

Key words: Community Based Tourism; Gender; Work.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Paraná. E-mail: ceci\_frade@hotmail.com

## **INTRODUÇÃO**

O turismo é comumente visto como um setor importante no que se refere ao seu impacto econômico. Dados da OMT e do Conselho Mundial de viagens e turismo comprovam esta imagem. Por outro lado, é preciso atentar-se para as características dos empregos gerados por esse setor, no qual muitas vezes nota-se algum nível de precariedade. Outro fator frequentemente ressaltado é o turismo como porta de entrada para as mulheres no mercado de trabalho, porém, pesquisas mostram que grande parte das mulheres empregadas na área estão em posições com as mais baixas remunerações, ao mesmo tempo em que são minoria nas posições de liderança. Nesse sentido, o Turismo de Base Comunitária (TBC) apresenta-se como uma alternativa que poderia oferecer possibilidades de empoderamento feminino através do trabalho. Através de revisão bibliográfica, combinando pesquisas acadêmicas e relatórios de organizações públicas, este artigo apresenta reflexões nesse sentido e objetiva dar visibilidade a oportunidades e desafios advindos de experiências de TBC para as mulheres. De forma aleatória, através de pesquisas dentre os periódicos da Capes e do Google Acadêmico, com as palavras “turismo comunitário” e “gênero”, foram selecionados dois artigos que trataram de experiências já em prática de TBC no México e dois que trazem sugestões de implantação desse turismo considerando a perspectiva de gênero no Brasil. Tais análises mostram os desafios e oportunidades que esse tipo de turismo oferece no sentido da busca por equidade entre homens e mulheres e melhores condições de trabalho no turismo para ambos.

## **IMPACTO DO TURISMO NO PIB E NA GERAÇÃO DE EMPREGOS – O QUE DIZEM A ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO E O CONSELHO MUNDIAL DE VIAGENS E TURISMO?**

O setor do turismo tem apresentado crescimento notável. O Conselho Mundial de Viagens e Turismo (*World Travel and Tourism Council – WTTC*), destaca a resiliência do setor que, em meio aos desafios que vão desde ataques terroristas, instabilidade política a desastres naturais, foi responsável em 2017 por 10,4% do PIB mundial. O crescimento direto do setor foi de 4,6%, tendo sido este o sétimo ano consecutivo em que o turismo tem um crescimento superior à média mundial. Além disso, o setor foi responsável por 313 milhões de empregos, o que equivale a 9,9% dos empregos mundiais (WTTC, 2018). O relatório da OMT

(Organização Mundial do Turismo) referente à performance do mesmo ano, mostra que o número de turistas internacionais cresceu 7%, apresentando o maior crescimento desde a crise global de 2009. No ranking das categorias de exportação mundial, o turismo ficou em terceiro lugar, atrás de produtos químicos e combustíveis, e à frente de produtos automobilísticos (UNWTO, 2018).

Com relação ao Brasil, de acordo com a WTTC (2018) os empregos gerados diretamente pelo turismo em 2017 equivalem a 2,6% do total, dado que sobe para 7,3% quando se engloba nesta contribuição os empregos indiretamente gerados pelo turismo. A contribuição para o PIB brasileiro foi 2,9% considerando apenas o impacto direto do turismo e 7,9% considerando a contribuição total.

É preciso observar a natureza deste crescimento e desses empregos. Nas palavras do próprio CEO do Conselho Mundial de Viagens e Turismo, o crescimento inclusivo e um futuro com empregos de qualidade são preocupações de diversos governos, e o turismo, na medida em que é responsável por 1 a cada 10 empregos em todo o mundo é uma fonte dinâmica de geração de empregos (WTTC, 2018).

Nesse sentido, é importante considerar a análise do Relatório Global das Mulheres no Turismo 2010 (tradução nossa para *Global Report on Women in Tourism 2010*), realizado em parceria entre a ONU Mulheres e a OMT. O documento destaca os benefícios do turismo para as mulheres, dentre os quais estão: as poucas barreiras para entrada nesse mercado de trabalho, e o fato deste setor ter uma chance maior de empregar mulheres e minorias que outras indústrias; oportunidades de empreendedorismo no âmbito familiar, como no artesanato, produtos alimentares, guias de turismo e outras áreas; o fato de o turismo oferecer oportunidades de trabalho em meio período e escalas por turno, que podem ser úteis para mulheres com responsabilidades domésticas; o fato de o desenvolvimento do turismo favorecer a melhora em infraestrutura para os próprios residentes, o qual impacta positivamente a vida de pessoas pobres, particularmente as mulheres.

Se os pontos citados acima podem favorecer o empoderamento das mulheres, por outro lado, há questões preocupantes com relação ao trabalho das mulheres no turismo: a alta concentração delas em posições de baixo status (o que implica em baixo pagamento), muitas vezes tratadas com desigualdade e colocadas em posições estereotípicas; a vulnerabilidade delas com relação a discriminação e exploração sexual. O documento deixa claro que não são todos os empregos no turismo que resultam em empoderamento, especialmente no setor informal.

Ou seja, ao mesmo tempo em que o turismo pode ser uma porta de entrada para mulheres no mercado de trabalho, muitas vezes as condições desses empregos são precárias. Nesse sentido, ALARCÓN e MULLOR (2018) reforçam a imensa responsabilidade do setor de turismo na promoção de qualidade e decência nos empregos gerados por ele.

Em pesquisa realizada por Costa *et al.* (2017), conduzida por seis anos em Portugal, buscou-se identificar e compreender quais as principais barreiras para o avanço das mulheres na carreira no turismo. Vale enfatizar que nesta pesquisa foram considerados diversos setores do turismo, como transporte, agências de viagem, alimentação, alojamento, serviços culturais e recreativos. Os pesquisadores buscaram compreender em que consistiria a ideia do “trabalhador ideal” para o setor na visão de gerentes do setor turístico. Os resultados demonstraram que esta imagem associa-se fortemente com a noção de flexibilidade, a qual implica, no turismo, um alto grau de disponibilidade por parte do empregado. Especificamente, disposição do funcionário para, mesmo tendo sido avisado com pouca antecedência, trabalhar além do horário para o qual é contratado, em turnos diferentes do que trabalha normalmente e passar muitos dias longe de casa, no local de trabalho. Os gerentes que participaram da pesquisa comentaram que mulheres são menos disponíveis porque escolhem priorizar a família sobre o trabalho.

A percepção, por parte dos gerentes, das mulheres como tendo uma possibilidade genuína de escolher e, de fato, optar por cuidar da própria casa e da família, ao invés de priorizar o trabalho é fortemente criticada pelos autores, para os quais isso revela o quão enraizados estão os papéis de gênero tradicionais que relacionam feminilidade com responsabilidade principal pelo cuidado com atividades domésticas na sociedade portuguesa. Assim, a ideia de um trabalhador ideal aparentemente neutra no que se refere a gênero, o qual é flexível com as demandas da empresa onde atua, pode mascarar e reforçar estereótipos de gênero no trabalho.

A pesquisa mencionada mostra o quão sutis podem ser algumas barreiras para as mulheres no mercado de trabalho do turismo. Isso nos leva a questionar: haveria na atualidade alguma forma de turismo mais justa? Poderia o Turismo de Base Comunitária oferecer oportunidades de trabalho com mais equidade entre mulheres e homens? É o que se discute a seguir.

## **TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA (TBC) E A RELAÇÃO MULHERES E MERCADO DE TRABALHO**

Falar sobre turismo de base comunitária implica falar em respeito às heranças culturais e as tradições locais. Trata-se de um modo de visita e de hospitalidade que se contrapõe ao turismo de massa, no intuito de valorizar relação de vínculo do turista com o ambiente natural e a cultura do lugar (BURSZTYN, BARTHOLO e DELAMARO, 2009), mas não de modo simplista e estereotipado, no qual “um grupo social desfavorecido que recebe “outsiders” curiosos e ávidos pelo exotismo em seu convívio cotidiano, para o aumento de sua renda e melhoria social” (IRVING, 2009, p. 111), trata-se de um compartilhamento de experiências (IRVING, 2009).

Outra marca do Turismo de Base Comunitária é a organização e estrutura dos espaços físicos e do negócio gerida pela própria comunidade, bem como a interação entre turistas e hospedeiros, de modo que a participação da comunidade é um elemento fundamental nesse sentido (BURSZTYN, BARTHOLO e DELAMARO, 2009). O sentido de comunidade, de acordo com Irving (2009) está relacionado ao sentido de coletivo, de comum, de modo a favorecer “a coesão e o laço social e o sentido coletivo de vida em sociedade, e que por esta via, promove a qualidade de vida, o sentido de inclusão, a valorização da cultura local e o sentimento de pertencimento” (IRVING, 2009, p. 111).

Conforme Coriolano (2009), no turismo de base comunitária “os residentes possuem o controle produtivo da atividade desde o planejamento até o desenvolvimento e gestão dos arranjos produtivos” (p. 283) através de envolvimento participativo, não individualista, garantindo melhores condições de vida local. A autora destaca ainda que desta forma, o turismo de base comunitária difere-se do “turismo dito global, que explora a força de trabalho de homens e mulheres remunerando mal, e com jornadas de trabalho pesadas” (CORIOLANO, 2009, p. 283).

No que se refere à relação mulher e mercado de trabalho, é importante chamar atenção para a criação do ideal de família burguesa, no século XIX, no qual a mulher é a dona de casa, responsável pela educação dos filhos e tarefas domésticas, e o homem é o responsável pelo sustento financeiro da família, através do trabalho na esfera pública, a qual colocou o trabalho extra doméstico feminino como algo complementar e secundário (GÓMEZ, 2010). Essa visão, aliada à do trabalho doméstico feminino como improdutivo, por não gerar renda, ajuda a construir a divisão sexual do trabalho, que impacta ainda hoje a atuação das mulheres no mercado de trabalho. Essa associação equivocada do trabalho estereotipado feminino como

algo improdutivo (Melo et al., 2007) faz com que, frequentemente, as posições ocupadas pelas mulheres no mercado de trabalho sejam uma extensão das tarefas domésticas (não remuneradas), o que justifica, ainda, a desigualdade salarial (Ávila & Ferreira, 2014).

Considerando as características do Turismo de Base Comunitária e em especial a forma como este posiciona os residentes – como gestores deste turismo e trabalhadores com condições dignas – é possível supor que nesta configuração, o TBC seria uma alternativa mais favorável à equidade de gênero dentre os trabalhadores desse campo.

Rodríguez e Vizcarra (2015) destacam o potencial do Turismo de Base Comunitária para promover o desenvolvimento integral das comunidades, através da redução da pobreza, da geração de emprego e renda, da criação de pequenos negócios intensivos em mão de obra da possibilidade de empregar mulheres numa proporção relativamente superior a outros setores. Por outro lado, os mesmos autores fazem uma ressalva: a gestão comunitária não implica, necessariamente, em relações de equidade. Seguindo a sugestão dos pesquisadores, de que a análise da organização comunitária do turismo deve considerar a interação entre os múltiplos grupos de interesse e atores sociais que operam a diferentes níveis de poder em seu interior, para além da relação entre conservação de recursos e desenvolvimento, a seguir, serão apresentadas diferentes experiências de Turismo de Base Comunitária, de modo a identificar se estas possibilitaram alguma forma de empoderamento feminino, favorecendo condições dignas de trabalho para homens e mulheres, colocando-os como equivalentes e ainda comparando este cenário em relação às formas de turismo não comunitárias, regidas prioritariamente pela lógica do mercado.

## **EXPERIÊNCIAS DE TBC PELA ÓTICA DO GÊNERO**

Uma análise segundo a perspectiva de gênero implica em considerar, primeiro, o significado do termo gênero, em si. Segundo a historiadora Joan Scott (1995), o termo gênero foi utilizado pelas feministas com o intuito de destacar as concepções sociais atribuídas aos sexos feminino e ao masculino, em oposição às diferenças sexuais, rejeitando o determinismo biológico nelas implícito. Trata-se, portanto, de colocar o gênero como construção cultural, histórica, que varia em diferentes sociedades e, ainda, como relacional, de modo que mulheres e homens são compreendidos em termos recíprocos.

Na definição do termo proposta por Scott (1995), o gênero é “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” (p. 86) e

também “uma forma primária de dar significado às relações de poder” (p. 86). Uma análise de qualquer fenômeno segundo a perspectiva de gênero tem tais concepções como pressupostos.

A incorporação de mulheres ao projeto turístico do *Ejido El Rosario*, em Ocampo, no México, foi analisada por Rodríguez e Vizcarra (2015), região que faz parte da Reserva da Biosfera da Mariposa Monarca (RBMM), a qual foi criada em 1980. Foi feito um estudo de caráter exploratório, no qual foram feitas entrevistas semiestruturadas e observação participante com a comunidade que vive no parque, formada pelas pessoas que gerem o projeto turístico de ali ocorre os “ejidatarios” (pessoas que possuem título de concessão da terra), dentre os quais 201 são homens e 60 são mulheres. O estudo identificou que a atuação das mulheres neste projeto não sofreu uma modificação significativa no que se referem aos papéis tradicionais que estas desempenham no âmbito familiar, de modo que estes parecem se estender à atividade turística. A atuação delas no projeto é limitada por “não contarem com direitos de propriedade equitativos e exercerem um controle limitado sobre os recursos outorgados pelas instituições para a atividade turística” (RODRÍGUEZ e VIZCARRA, 2015, p. 65).

Carrión (2010) realizou um estudo com objetivos semelhantes na Reserva da Biosfera dos Tuxlas (RBT), também no México, ao sul do estado de Veracruz, que conta com grande diversidade de fauna, flora, numa área extensa que compreende de montanhas à zona costeira, com uma população de aproximadamente 32.000 habitantes, concentrados na costa, sendo que no parque e redondezas há 20 iniciativas de ecoturismo comunitário (no início de 2008). O turismo acontece nesta região mesmo antes da criação da reserva e recebe cerca de 500.000 visitantes por ano.

Uma característica importante desse projeto é que além de capacitações para conservação e gestão ecoturística, houve também capacitação com relação a gênero, como consequência da introdução deste enfoque nas políticas públicas mexicanas no final da década de 1990. A participação de mulheres enquanto sócias nos ecoturismo comunitário foi um requisito obrigatório para obtenção de financiamento do governo federal.

Através de um enfoque qualitativo, a autora buscou investigar a participação das mulheres no desenvolvimento rural da RBT, observando ao final que, de um lado, há uma estreita relação entre a atividade turística com o papel tradicionalmente designado às mulheres, a desvalorização do trabalho doméstico e o papel de cuidadora, que se estende à empresa e conseqüentemente identifica-se segregação horizontal e vertical. Ao mesmo tempo, as sócias avaliam de forma positiva sua participação no ecoturismo comunitário, na medida em que através dele elas desenvolvem novas habilidades, o pertencimento a um grupo

diferente do doméstico, o acesso a papéis significativos e o reconhecimento de sua participação.

No caso do Brasil, em trabalho desenvolvido no âmbito do mestrado em Turismo da UnB (Universidade de Brasília), foi proposta implantação do Turismo de Base Comunitária no Assentamento Rural Chapadinha-DF, com o intuito de:

“ampliar a visibilidade e o empoderamento das mulheres assentadas, a partir da atuação direta ou indireta neste setor. No entanto, importa dizer que a produção agroecológica das mulheres já lhes proporciona visibilidade no ambiente privado e público e empoderamento, assegurando-lhes seu próprio sustento e, para algumas, de suas famílias. O turismo, em princípio, seria significativo apenas para um pequeno número de mulheres que optaria por substituir o trabalho do campo. A atividade turística poderá beneficiar os jovens” (CABRAL, 2017, p. 103).

Outra proposta de autogestão de Turismo de Base Comunitária foi realizada na Comunidade Quilombola Morro de Santo Antônio, localizada no município de Itabira (Minas Gerais). Esta foi construída com metodologias participativas com foco em gênero, de modo a identificar as diferenças entre homens e mulheres existentes na comunidade e conceber ações para minimizar estas diferenças, evidenciando a responsabilidade de todos na busca da sustentabilidade, de modo que a proposta, ao final, não reafirmou as desigualdades de gênero existentes na realidade em questão (ARAÚJO, 2016).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considerando a pergunta inicial, sobre a possibilidade do Turismo de Base Comunitária oferecer oportunidades de trabalho com condições melhores de trabalho para homens e mulheres e possibilitando maior equidade entre os dois, as experiências mexicanas, e mesmo a elaboração das propostas ainda não implantadas no Brasil, mostraram que alcançar essa equidade na prática não é algo simples, dado que este tipo de mudança envolvem concepções históricas e culturais, as quais se transformam aos poucos. As análises indicam que, assim como no turismo de massa, os desafios da perpetuação da desigualdade de gênero e da tradicional divisão sexual do trabalho continuam presentes no turismo comunitário, ainda que este se baseie numa perspectiva econômica apoiada em práticas solidárias, que prezam pela sustentabilidade. Verificou-se que, tanto no Turismo de Base Comunitária (as práticas mexicanas) quanto no turismo em geral (conforme foi abordado no início do texto) as

mulheres tendem a ocupar funções atreladas às suas responsabilidades no âmbito doméstico (como cozinhar e limpar, por exemplo).

Ao mesmo tempo, ainda que os exemplos apresentados não tenham demonstrado um grande distanciamento das concepções tradicionais de gênero, a possibilidade de colocar isso em diálogo no Turismo de Base Comunitária foi algo realizado pelas pesquisas abordadas, e este é certamente o primeiro passo para alcançar a equidade de gênero na prática. Esta parece ser uma grande oportunidade dentro do TBC, uma vez que iniciar uma conversa nesse sentido deve ser um processo com menos barreiras para se realizar no âmbito comunitário do que no empresarial.

Diante do exposto, ressalta-se a importância da perspectiva de gênero para a pesquisa e a prática do turismo, uma vez que a consciência sobre as diferenças sociais entre homens e mulheres é possibilita a formulação de formas de minimizá-las e, assim, possibilitar condições mais justas de trabalho e de vida para homens e mulheres.

## REFERÊNCIAS

ALARCÓN, Daniela Moreno e MULLOR, Ernest Cañada. Dimensiones de género en el trabajo turístico. **Informes en contraste**: Alba Sud Editorial, núm. 4, 2018.

ARAÚJO, M. turismo de base comunitária com foco em gênero: estudo de caso na Comunidade Morro Santo Antônio, Município de Itabira-MG. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 34-61, ago. 2016.

ÁVILA, M. B; FERREIRA, V. Trabalho produtivo e reprodutivo no cotidiano das mulheres brasileiras. In: ÁVILA, Maria Betânia; FERREIRA, Verônica (Org.). **Trabalho remunerado e trabalho doméstico no cotidiano das mulheres**. Recife: SOS Corpo, 2014, p. 79-104.

BARTHOLO, Roberto; SAN SOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan. Turismo para quem? Sobre caminhos de desenvolvimento e alternativas para o turismo no Brasil. In: \_\_\_\_\_. **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. P. 76-91.

CABRAL, Dorcas Santos. **Turismo rural comunitário e a questão de gênero: o caso das assentadas rurais de Chapadinha – DF**. Brasília, 2017. 114p. Dissertação de Mestrado Profissional em Turismo – Universidade de Brasília.

CARRIÓN, Isis Arlene Díaz. Ecoturismo Comunitario y Género en la Reserva de la Biosfera de Los Tuxtlas. **Pasos, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**. V. 8, n. 1. Universidad de La Laguna, edición digital, pp. 151-165, 2010.

CORIOLOANO, Luzia Neide M. T. O turismo comunitário no nordeste brasileiro. In: BARTHOLO, Roberto; SAN SOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (organizadores). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. P. 277-288.

COSTA, et al. Gender, flexibility and the 'ideal tourism worker'. **Annals of Tourism Research**, v. 64, pp. 64 – 75, 2017.

GÓMEZ, L. N. **El mito del varón sustentador. Orígenes y consecuencias de la división sexual del trabajo**. Barcelona: Icaria editorial, s. a. 2010.

IRVING, Marta de Azevedo. Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária: inovar é possível? In: BARTHOLO, Roberto; SAN SOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (organizadores). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. P. 108-121.

Melo, H. P., Considera, C. M. & Sabato, A. Os afazeres domésticos contam. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 16, n. 3 (31), p. 435-454, dez. 2007.

OMT Organização Mundial do Turismo & ONU Mulheres. (2011). **Global Report of Women in Tourism**. Madrid: OMT.

RODRÍGUEZ, G.; VIZCARRA, I. Turismo comunitario y género: la incorporación de las mujeres al proyecto turístico del Ejido El Rosario, Ocampo, México. **Spanish Journal of Rural Development**, Vol. VI (Special 1): 55-70, 2015.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99. Disponível em: <[https://archive.org/details/scott\\_gender](https://archive.org/details/scott_gender) acesso em 25/10/2017>

SUÁREZ, Laura Paola Vizcaino; BARQUÍN, Rocío del Carmen Serrano; JIMÉNEZ, Graciela Cruz; ALFONSO, María José Pastor. **El género en la investigación y las políticas turísticas en México**

WORLD TOURISM ORGANIZATION (UNWTO). **Tourism Highlights**, 2018. Edition, UNWTO, Madrid.

World Travel and Tourism Council: **Economic Impact 2018** - March 2018. All rights reserved.

World Travel and Tourism Council: **Travel & Tourism Economic Impact 2018** - March 2018.